

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

A romaria de ontem às igrejas foi uma vergonhosa manifestação de descrédito para a Igreja

Os jornais católicos passaram apressadamente por sobre o cadáver do Cristo, nestes dias em que se comemora sua morte e sua fantástica resurreição, para insultarem desbragadamente todas as pessoas que não aceitam os dogmas católicos estabelecidos pelos caprichos das votações nos concílios da Igreja de Roma. Esquecidos do "perdoai-lhes senhor que eles não sabem o que fazem" comemoraram ontem o Cristo — o maior prisioneiro e o maior caluniado da Igreja dando uma tunda fumegante naquelas que entendem que a vida não deve reger-se pelas podres mentiras dum passado hediondo, sinistro pelos seus crimes e repelente pelas suas corrupções. E sua atitude guerrreira só prova o seu sectarismo feroz, a sua grossaria inata, só demonstra que a religião é para eles a melhor desculpa do ódio incomensurável que nutrem contra todos os que colocam a justiça, a verdade, a beleza, a liberdade acima dum mistificação que é também um negócio rendosíssimo, um dos maiores negócios do mundo.

Nunca, como nas colunas dos jornais católicos, comemorar significou insultar. No que fizeram bem foi em não manifestar regozijo pelo avultado número de pessoas que ontem apareceram na rua vestidas de negro e acorreram com igual fervor às igrejas e às pastelarias — afirmar a fé e a comprar amêndoas. O dia de ontem não foi católico, mas essencialmente pagão. Em vez dum parada de fé, presenciou-se uma parada de damas chics, de senhoras bem vestidas que sabem muito bem que o negro condiz admiravelmente com a sua tez morena. As igrejas foram ontem quartel de criaturinhas frívolas que exibiram *toilets* decotadas, proclamando perante a fé amortecida, vivendo de vãs e químicas

aparências, os explodores da carne e as alegrias fecundas que imortalizam a vida. Entrava-se nelas por entre sorrisos e, lá dentro, o mar humano agitava-se em ondas voluptuosas irremovíveis. E é a essa farça dos sentidos, a essa profunda contradição entre o que se sente e o que se simula sentir que os jornais católicos de hoje deveriam chamar, a exemplo dos anos anteriores, uma grande demonstração de fé.

Esses jornais sabem perfeitamente que não se deve confundir modernismo com religiosismo e não nutrem ilusões sobre o culto de Cristo feito com pacotes de amêndoas e com apoteoses de beliscões e acotovelamentos suspeitos nas casas, escutas como as dos cinemas do denominado Deus. Os que ontem se vestiram de negro contribuiram mais do que todas as perorações para o descrédito dessa igreja que temia em não morrer.

Mas como resposta aos que afirmam que os que combatem a Igreja são estúpidos e ignorantes transcrevemos algumas passagens dum artigo de Basílio Teles — que foi, neste país, uma grande e indiscutível mentalidade:

“Filhos meus — eis o que a Igreja devia proclamar aos ventos e tempestades do século — ide, andai para diante, não espereis que vos acompanhe. Estou velha, paralítica, exausta; e vós, repletos de seiva, ágeis e moços. Fui uma forma, mas uma forma só da vida; e vós sois a vida mesma, os eternamente jovens, os eternamente cambiantes, porque sois a natureza na sua ondulação, vaga inexgotavelmente poderosa e fecunda. Deixa-me pois, abandonai-me, e marchai sem mim. Ou melhor, retalhai-me, exterminai-me primeiro, segui depois; porque a vida alimenta-se do cadáver mas não o consente a seu lado. Como vós tam-

bém vivi, e aceitei do viver os seus deveres indeclináveis e terríveis; também retalhei e exterminai, pelo gládio e pela fogueira, quanto se opôs à minha fúria indomável de expansão, à minha sede inextinguível de vencer, de possuir, de avassalar.

“E reparai que não chorei, que bebendo todo esse sangue espalhado a torrentes pelo mundo, não senti piedade nem remorso; não implorei dos céus perdão, recusei até, ao contrário do guerreiro antigo, honrar as vítimas prostradas, entoando-lhes em cima um canto dóce de reconciliação e esquecimento. Antes, celebrei as hacentombes com hymns de alegria triunfal, enchi os ares de implacáveis maldições, envoltas em nuvens de incenso, contra quem oussasse derramar, por elas, uma lágrima furtiva.

Teria mesmo, se pudesse, riscado os seus nomes da lembrança dos homens, como excluiu seus corpos de sepultura em terra santa.”

“Crendo suplantar as duas pátrias augustas, onde nós todos vamos buscar luz e exemplo, proclamou-se imutável e eterna, não viu que só perdura o que indefinidamente se transforme. A Grécia e a Itália sim, são eternas; porque a Grécia instruiu, não deformou e a Itália educou, não destruiu. Mas a Roma papal é efémera porque deturpou e demoliu os corações e os cérebros, porque não fez mais que fabricar céticos ou hipócritas...”

E fabricou também rebeldes. Por isso te somos gratos, ó Santa Igreja de Roma. Neste momento de ansiedade, em que o nosso destino está em jôgo, não sabes imolar esse orgulho, esse nêscio orgulho judaico, ao sossêgo e ao bem-estar dos teus filhos; nem te humanizas nem morres. Perdoa então se, para vivermos, fôr preciso exterminar-te.”

A BOA SEMENTEIRA

Um militante do Pessoal Extraordinário dos Tabacos transmite à “Batalha” impressões acerca de uma escola que a sua classe mantém

Mantém-se por si própria. Temos 250 subscriptores voluntários e cobramos 4\$00 mensais por cada aluno...

As crianças permanecem aqui...

O nosso entrevistado, um sorriso de satisfação a bailar-lhe nos lábios, atalha:

— Antes da entrada nas fábricas as mães trazem-nas para a escola, a professora leciona-as até às 17 horas e depois ficam entregues aos cuidados da continua, mulher carinhosa, até que as mães as vêm buscar.

— E o âmbito da escola satisfaz as exigências?

— É muito acanhado — respondem-nos Tórreres com um ar de tristeza — há muitos candidatos a alunos, mas nós, abrigos dumas resolução ultimamente tomada, vamos demolir o palco e aproveitar o espaço que é ocupado para colocar mais 11 carteiras e 27 bancos, para cuja construção temos já materiais preparados.

— Também pensamos em dotar a nossa escola de todos os elementos exigidos pela moderna pedagogia, começando por criar uma aula de lareiras para o sexo feminino.

Compartilhando do entusiasmo do nosso locutor não podemos furtar-nos a perguntar-lhe:

— A classe corresponderá, não é verdade?

— Confiamos que sim. Vai nisso o futuro dos seus filhos. Se todos se predisporrem a contribuir com uma pequena parcela monetária, contamos abolir muito em breve a contribuição por aluno e, mais ainda, a fornecer-lhes todos os artigos, tais como papel, livros, lápis, etc., absolutamente grátis.

É para fechar, o ardoroso militante do pessoal dos tabacos, com um otimismo muito para louvar nestes tempos em que o scepticismo campeia, diz-nos ainda:

— Pensamos em ir mais além. Se a classe nos ajudar montaremos uma boa biblioteca infantil, com obras educativas escolhidas dos melhores autores.

E a caminho da redacção, radicou-se no espírito a ideia de, de nossa alvitre, lançarmos daqui um apêlo à laboriosa classe, cujo futuro tão ensombrecido está, para que acarinhá a sua escola — aquele atelier onde os seus pequeninos devem ser moldados para futuros seres livres — lembrando mesmos que os não tenham filhos de quea nobreza do seu caráter se revelará disputando a primazia no auxílio a conceder a tão preste iniciativa.

Para irritar as “Novidades”...

MÉXICO, 1. — Continua a luta religiosa, tendo sido presos para efeitos de expulsão os maristas do instituto franco-ingles. Seis religiosos italianos e dez espanhóis foram levados para a fronteira.

— De quem partiu a iniciativa?

— Eu lhe digo: A nossa classe, mais do que algumas outras, necessitava de uma escola onde as creanças, na ausência forçada das maes, entrassem no resguardo conveniente do perverso ambiente da rua.

— Isso levou-nos a congeminar a montagem da escola e, por via dumas festas, ofertas de donativos e uma cota especial voluntária, conseguimos inaugurar-la em 18 de Outubro do ano findo...

— A sua manutenção

A Rússia e a conferência do desarmamento

GENEBRA, 1. — Tchitcherine notificou à secretaria geral da Sociedade das Nações que a Rússia não tomará parte na conferência do desarmamento, em virtude de se realizar na Suíça.

Um telegrama de Moscou acrescenta que o governo dos soviéticos não tencionava desarmar a sua esquadra.

Um outro despacho de Helsingfors diz que a esquadra russa realizará grandes manobras da primavera no Golfo da Finlândia, visitando depois os portos do Báltico, Kiel, Marselha e Genova. (L.)

A revolta a bordo de um navio inglês

VIGO, 1. — Entrou neste porto o navio inglês “Tenacity”, em virtude de se ter revoltado parte da tripulação, trazendo ainda arvorada uma bandeira vermelha.

Um contingente da marinha espanhola dominou completamente a rebelião, prendendo os motinados.

A peçonha militarista

VARSÓVIA, 1. — A Dieta diminuiu o contingente de recrutas de 23.000 homens. Foi rejeitada uma proposta para que essa diminuição fosse de 40.000 homens.

Porque são demais...

BRUXELAS, 1. — Um decreto do governo proíbe, desde 28 de Março, a importação de carneiros da Polónia, por larva a febre aftosa naquele país. — H.

— A classe corresponderá, não é verdade?

— Confiamos que sim. Vai nisso o futuro dos seus filhos. Se todos se predisporrem a contribuir com uma pequena parcela monetária, contamos abolir muito em breve a contribuição por aluno e, mais ainda, a fornecer-lhes todos os artigos, tais como papel, livros, lápis, etc., absolutamente grátis.

É para fechar, o ardoroso militante do pessoal dos tabacos, com um otimismo muito para louvar nestes tempos em que o scepticismo campeia, diz-nos ainda:

— Pensamos em ir mais além. Se a classe nos ajudar montaremos uma boa biblioteca infantil, com obras educativas escolhidas dos melhores autores.

E a caminho da redacção, radicou-se no espírito a ideia de, de nossa alvitre, lançarmos daqui um apêlo à laboriosa classe, cujo futuro tão ensombrecido está, para que acarinhá a sua escola — aquele atelier onde os seus pequeninos devem ser moldados para futuros seres livres — lembrando mesmos que os não tenham filhos de quea nobreza do seu caráter se revelará disputando a primazia no auxílio a conceder a tão preste iniciativa.

Desfecho imprevisto

MONTPELLIER, 1. — Enquanto uma família se encontrava no teatro, assistindo ao espetáculo, um grupo de desconhecidos assaltou-lhe o domicílio, roubando 250.000 francos em jóias, dinheiro e papéis de crédito.

Os comunistas e os socialistas na Câmara francesa

PARIS, 1. — O encerramento do debate financeiro foi precedido de várias declarações de voto, e deu lugar a um incidente entre comunistas e socialistas.

O sr. Fournier, novo deputado comunista pelo Sena, leu um violento manifesto contra os projectos financeiros, contra a Câmara e contra o “cartel”. Constatando a fraqueza dos socialistas, ofereceu-lhes uma ação comunitária.

O sr. Renaud disse que os socialistas deram no domingo os seus votos para o triunfo contra a reacção, mas que o seu partido segue uma política republicana, rejeitando a frente única, que teria apenas como resultado a prisão dos socialistas pelos comunistas, como na Rússia.

A ARTE E OS ARTISTAS

Abre hoje, para a imprensa, e dias seguintes para o público, a vigésima terceira exposição de arte organizada pela Sociedade Nacional de Belas Artes.

ANGOLA E METRÓPOLE — BANCO DE PORTUGAL

“Acabaram-se as contemplações” e o feitiço começa a voltar-se contra o feiticeiro, deixando-o mal ferido

Dissemos num dos nossos últimos artigos que tudo quanto *A Batalha* tem publicado acerca desse emaranhado caso do Angolo e Metrópole tem sido plenamente confirmado. E estamos convencidos que, à medida que os dias vão decorrendo, cada vez mais e melhor as nossas revelações se confirmam. Logo no começo das investigações, ainda os presos se encontravam incomunicáveis, afirmámos que não se tratava de uma simples, de uma vulgar falsificação de notícias. A casa Waterlow que as fez, não iria comprometer a sua reputação mundial numa mesquinha falsificação, nem tampouco iria receber encomendas de tanta gravidez de assassinatos autênticas (examínadas por peritos seus) de Inocêncio Camacho e outras entidades não lhe merecessem confiança. Afirmámos, pois, que havia gente altamente colocada na política e na finança portuguesa comprometida no escândalo, afirmando ainda que as escalas não podiam ter sido fornecidas por outra pessoa que não fosse Inocêncio Camacho, que os contratos para fazerem feira perante a casa Waterlow & Sons deviam ser autênticos, e que portanto haviam colaborado na emissão clandestina das notas, pelo menos, tantas pessoas quantas tivessem suas assinaturas nos contratos devidamente reconhecidas pelos tabeliões, consultados, etc.

— Muita gente. E' portanto natural que no dia em que eu me resolva a dizer tudo, certos culpados vejam as suas culpas manadas ou agravadas e certos que o são de facto, mas não de direito constituido, passem um péssimo quarteto de hora.

— V. nunca acusou ninguém?

— Não, senhor. O Inocêncio Camacho mesmo, não o acusei. Encontrei o nome dele a defender-me. Nunca fui um delator. Mas já cessaram todas as contemplações.

— Bem vê. Não estou disposto a calar os nomes e as provas de auxílio que recebi dos meus cúmplices no crime, se é crime o que eu fiz de colaboração com eles. A justiça dirá, em face das provas que eu apresentarei.

— Quando?

— Na instrução contraditória. Mantendo todas as declarações que constam do processo e que dizem respeito à emissão clandestina, inflexível. Mas o juiz investigador, por deficiência mental, porque a tarefa era excessivamente grande para a sua limitada inteligência, à força de querer tornar culpadas apenas determinadas criaturas que tinham conveniências políticas pretendem utilizar, acabou por arranjar um processo de vinte volumes de inutilidades.

— Como explica as attitudes de hostilidade dos outros presos contra v.?

— E' curioso isso, tanto mais que nenhum deles está preso por delações minhas. As culpas, se as têm, encontram-lhas os juizes investigadores, sem verem pelos meus olhos. E' tudo quanto lhe posso dizer.

— O julgamento?

— Encaro-o com a mais absoluta serenidade. Não digo bem. Eu só tenho as investigações quando encobri os nomes e as posições de muita gente, que podia ter revelado. Falo-lhe no tribunal. Isto é doloroso, como comprehende. Mas em tenho de salvar a honra de minha mulher e dos meus filhos. Então, verei implacável.

— Mais provas?

— Tenho-as todas, documentadas.

— As escalas?

— Deu-mas o Inocêncio Camacho.

— Os contratos?

— Ao fundo do vastíssimo golfo da Guiné, em cujo litoral longíquo os olhos se perdem procurando, em vão, restos da remota ocupação portuguesa, pelas costas do Ouro, da Mina, dos Escravos, até Benin — ao fundo desse enormíssimo golfo, que os geógrafos e mareantes classificaram um dos maiores do mundo, erguendo-se, em pleno Atlântico, as ilhas de São Tomé e Príncipe que deram o seu nome a esta província ultramarina, cortada pela linha do Equador.

Vista de madrugada, a luz indecisa do alvorecer, como a vi de bordo, o navio a contornar de largo as pequeninas enseadas que rendilham a terra, até lançar ferros na entrada do porto, vista assim a ilha parecendo uma massa parda, inexpressiva, dura e envelhecida, envolta numa nevoa pesada e triste. Mas em breve mudou a scenografia, porque o sol rompeu e com as suas garras de ouro logo esfarapou as nuvens, patenteando-nos uma parte do tesouro que é toda essa paisagem rica e luxuriante que cresce e alteia em azuladas montanhas para além da curva graciosas da baía.

Depois do Funchal, São Tomé é das mais bem lançadas cidades portuguesas que se erguem na costa ocidental da África, embora

me informaram, custou bom dinheiro, entretanto fechada, rastro daquela desmazelada que caracteriza a administração portuguesa.

Há, realmente, ainda muito que observar nesta ilha onde a paisagem, só por si, vale como capítulo inédito na flora africana. Próximo à cidade ficam logo os bairros indígenas com seus casebres de madeira e senzalas, e o recanto pitoresco do lavadouro do «Águia Grande» onde as lavadeiras negras, de cachimbo na boea, mergulham as pernas nuas; e muito pertinho dos passeios à Trindade, à Águia Amoreira, à Madre de Deus, à cascata da «Bla-Bla», tudo por caminhos de benigas sombras, refreshadas pelos leques verdes das palmeiras e onde, ao alcance dos olhos e das bocas, amadurece a frutação, o abacate, a banana e o perfume amazônico.

Mas a nota surpreendente, em beleza e utilidade, é dada pelas ruças, fazendas agrícolas sem semelhança em Portugal que causam admiração a qualquer civilizado, estrangeiro ou português, que visite pela primeira vez a ilha. Nas matas virgens, na velha região do «O-hó», por vales profundos onde jorraram as cascatas, nos accidentes mórbidos, o homem abriu caninhos, lançou pontes, ergueu belas moradias, engastou jardins, construiu fábricas e oficinas, plantou pomares, transformando uma região inhóspita, que ainda há menos dum século era um condendo montão de ruínas, num dos lugares mais produtivos e pitorescos.

Sob as protectoras sombras do «viro», do «ocás», da «jaca» e dentros exemplares da secular família da floresta bravia, desbracham e resplandecem, numa primavera constante, os caseiros e os cafezais; e até os recentes mais alçados do sul, onde a paisagem é selvática e dominadora, o silêncio das matas virgens já quebrado pelo silvo estridente das locomotivas que toda a parte irrompe e serra e põe arrastando as vagonetes com toneladas de cacau e coqueiro até aos pequenos portos de embarque que bordam toda a ilha.

O negro, vindo dos longínquos sertões de Moçambique e Angola, já não é apenas o miserável servil que cava a terra — ele já é artífice, mercenário, serraleiro, maquinista, pedreiro, capataz, jardineiro, electricista, e aos domingos já passa, vaidosamente, de guarda-sol, mostrando os seus fatos brancos, à europeia, pelos batuques, ao longo das senzalas.

As recausas têm jardins, lagos, portos, caminhos de ferro, luz eléctrica, telefones, água canalizada — algumas, como a «Boa Entrada» e «Ribeira do Ouro», têm escola e anseu, e quase todas têm hospitais e residências para serviços, como não possuem as propriedades industriais e agrícolas da Europa — instalações higiênicas e modelares, como encontro no «Ubabuto» e «Águia Izé».

Clarão que para toda esta obra, fomentada pelo ouro do cacau, correu, em abundância, a indústria, a classe operária do protesto que o operariado português é muito especialmente a classe operária de França vem desenvolvendo para impedir que Paulo da Silva, militante sindicalista das classes marítimas, refugiado em França, e acusado dum delito social, seja entregue às autoridades portuguesas.

Neste sentido vai ser enviado um ofício ao ministro da França em Lisboa.

Contra a tentativa de extradição de Paulo da Silva

A comissão administrativa da Federação da Construção Civil, na sua última reunião, resolveu acompanhar o movimento de protesto que o operariado português é muito especialmente a classe operária de França vem desenvolvendo para impedir que Paulo da Silva, militante sindicalista das classes marítimas, refugiado em França, e acusado dum delito social, seja entregue às autoridades portuguesas.

Neste sentido vai ser enviado um ofício ao ministro da França em Lisboa.

Um coronel alucinado

LONDRES, 1.—O coronel Etherton publicou um artigo, dizendo que uma frota aérea inimiga, partindo do continente europeu, em menos de quatro horas poderia bombardear Londres. O mesmo militar faz saltar que os aparelhos de bombardeamento atingem hoje uma velocidade de 300 milhas à hora e uma altura de 35 a 45.000 pés e uma velocidade ascensional de 1.500 pés por minuto, ao mesmo que a sua velocidade, quando imersos, atinge 800 milhas à hora, superior, pois, à velocidade do som. —H

Encomendas postais

O serviço de entrega de encomendas procedentes do Continente e Ilhas, far-se-há no domingo de Páscoa com o mesmo horário dos dias úteis, isto é, das 10 às 18 horas.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

A. de S. M. dos Carpinteiros de Branco do Arsenal de Marinha. — Refinou a assembleia geral, aprovando o relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal. Pelo relatório da direcção a assembleia tomou conhecimento de que a receita do ano findo foi de 18.661.77 e a despesa de 10.328.04, havendo um saldo de 3.333.73 que, junto ao saldo do ano anterior, perfaz a importância de 11.953.35.

Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; nos sábados, das 17 às 18 horas.

Rua do Carmo, n.º 43, s/n, frente

ESPERANTO

Nova Voz (Sociedade Esperantista Operária). — Reúne hoje o Curso Prático pedindo-se a compreensão de todos os alunos, tanto do actual curso elementar como dos antigos. O Curso Prático ficará funcionando regularmente às sextas-feiras.

TEATRO AVENIDA

Hoje não há espectáculo amanhã o notável Pão de Ló EM ENSAIOS: A MULHA RUÇA

TIROLI

Matinée às 3 Soirée às 8 314 Peregrinação portuguesa a Lourdes e Roma no Ano Santo Documentário em cinco partes

CHRISTUS Film de arte sobre a VIDA DE CRISTO AMANHÃ

JOANA D'ARC Última exibição

ROBERTON'S GIRLS

directamente contratadas em Inglaterra para este teatro

HOJE — Não há espectáculo — HOJE

Um protesto da colónia portuguesa em São Paulo

Ontem à noite recebemos o seguinte telegrama:

—RIO DE JANEIRO, 31.—O Centro Republicano de São Paulo transmitiu 25 telegramas ao presidente da república, dr. Bernardino Machado.

A colónia portuguesa devia reunir no passado domingo para protestar colectivamente contra a permanência do cônsul Magalhães. A última hora a reunião foi proibida pelas autoridades locais a pedido da embaixada portuguesa. Obedecemos.

No entanto não deixaremos de continuar com a nossa campanha moralizadora. Por intermédio de A Batalha protestamos contra o acto das nossas autoridades e insistimos pela punição do cônsul referido, em nome da moralidade de Portugal.

—O Centro Republicano de S. Paulo.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Centro Republicano Radical 19 de Outubro.

—Em homenagem aos vencidos de Almada, realizam-se na sede deste Centro, rua do Socorro, 11, C, 2.º, grandiosas festas com o seguinte programa: Hoje, sessão solemne, às 21 horas; amanhã, às 21 h., baile, tâmbora e quermezes que será abraçançada por um grupo musical; domingo, às 14 horas, conferência pelo dr. Veiga Simões.

—No dia 9 do corrente, às 21 horas, realiza-se neste Centro uma sessão solemne em homenagem aos combatentes da Flandres.

Junção Humanitária da Freguesia da Sé. —Realiza-se nos dias 4 e 5 de outubro a venda da flor, levada a efeito por uma comissão de senhoras, revertendo o produto para o cofre desta instituição.

A venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo.

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lefevre.

O que é ser socialista? por Ernesto da Silva e Lascius Batalha.

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva.

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.

A Humanidade, por Taraf Javol.

A Abertura, pelo Dr. Confeymon e I. Budin.

Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchoter.

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série.

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva.

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas.

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia.

A Filologia portuguesa a História, por Nobre França.

\$500

\$500

\$500

\$1000

\$1500

2900

2800

2500

2500

3500

3500

5000

Notícias

Domingo de Páscoa, às 14.30 horas, realiza-se no Apolo a última «matinée» com «O Martir do Calvário», que tem aliado enormes encantos nas suas récitas diárias e nocturnas.

—Está desportando uma grande curiosidade: a brilhantíssima interpretação que, por certo, dará à ilustre actriz Palmira Bastos ao papel de «Chouquette», de «O Az», que vai interpretar pela primeira vez, no Gimnásio, na proxima segunda-feira, na festa artística dos populares actores Silvestre Alegria. Nessa peça entram, também de novo, o actor Henrique de Albuquerque e a actriz Antónia Mendes, além outros artistas, pelo que haverá numerosos confrontos a fazer.

—Vai ser de encante a noite de quinta-feira, no Gimnásio, na récita de Pereira Botelho, o camareote do Gimnásio. Lá não deixarão de reunir-se os seus numerosos amigos, para o felicitar, e também para apreciar o belo espetáculo que ele conseguiu obter; e que consta dum lindíssima comédia, que a actual companhia daquele teatro ainda não representou.

Réclames

A partir de amanhã, em que se estreia no teatro da Trindade a companhia Lucília Simões, o público de Lisboa começa a ter teatro do melhor que existe em todo o mundo por preços acessíveis a todas as bolas por mais modestas que sejam. Só Erico Braga conseguiria como seu «savoir-faire» de empresário moderno, inteligente e arrojado obter esse «desiderium» que, no nosso meio teatral, quase assumia foros de pedra filosofal, tão intrincado e difícil parecia a resolução do problema.

—No Coliseu dos Recreios, onde ontém se exhibiu pela primeira vez com um extraordinário êxito, repete-se hoje o grande drama bíblico «Vida de Cristo», obra monumental e cheia de beleza que, evocando uma das mais interessantes épocas da história da humanidade, reproduz os principais episódios da vida de Jesus, desde o seu nascimento à sua paixão e morte.

—E amanhã que se estreia no Coliseu dos Recreios o mais célebre ilusionista do mundo, o grande Raymond, que há anos fez das delícias de Lisboa e que traz agora um sensacional repertório das mais encantadoras «ilusões», montadas com grande deslumbramento e riquesa. Raymond, que traz consigo uma companhia completa, fará uma curta série de espetáculos a preços populares.

—Hoje há novamente dois espetáculos no Apolo, um em «matinée», às 14.30 horas, e o 2.º «spectaculo» às 21.14 da noite, ambos com «O Martir do Calvário», que ontém deu duas encheres colossais ao popular teatro, exultando-se-lhe a lotação.

—Reaparece amanhã, no Gimnásio, onde só mais duas únicas representações, nesta sua 1.ª série, levada a efeito com o maior brilhantismo, a graciosa comédia «Banca à Glória», que tão extraordinária concorrência tem atraído ao longo teatro.

—Hoje não há espetáculo no Maria Vitoria, mas amanhã, nas duas sessões, já a famosa revista «Foot-Ball» apresenta uma novidade de sensação, a da estrela das «Six Robertson's Girls», gentilíssimas artistas inglesas que executam um repertório vasto e lindíssimo de originais e característicos bailados e canções. A revista «Foot-Ball» repetir-se-há, integralmente, com todos os números e atracções que a tem ampliado com geral e entusiástico agrado do público.

—Hoje não há espetáculo no Avenida, mas amanhã reaparece o fulgurante «Pão de Ló», que vai triunfante a caminho do seu bi-centenário.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Pedro Gomes» são hoje expedidas malas postais para a Madeira e África Oriental, sendo da Caixa Geral a última tiragem de correspondência ordinária às 12 horas e para as registadas receber-se-á até às 10 horas.

Por este paquete também seguem malas do correio por via Funchal, para a África Austral, Cap-Town, Elisabeth e África Oriental.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

DANÇA DA MEIA NOITE

Em virtude de se ter agravado o estado de saúde da ilustra actriz Ester Leão, só para a próxima semana poderá ser levada à cena, no Nacional, a peça de Charles Mérè — «A Dança da Meia Noite».

A colónia portuguesa devia reunir no passado domingo para protestar colectivamente contra a permanência do cônsul Magalhães. A última hora a reunião foi proibida pelas autoridades locais a pedido da embaixada portuguesa. Obedecemos.

Por intermédio de A Batalha protestamos contra o acto das nossas autoridades e insistimos pela punição do cônsul referido, em nome da moralidade de Portugal.

—O Centro Republicano de S. Paulo.

FUTEBOL

O Vitória venceu numa exibição brillante o «Casuals» por 2-0

Nesta quadra da Páscoa é hábito a visita de grupos estrangeiros que a convite dos principais clubes de Lisboa proporcionam a «aficion» da capital ensejo de apreciar boa técnica em futebol.

Mais felizes umas vezes, não obedecendo ao reclame feito, noutras, entretanto Lisboa satisfaz-se por ter visto passar pelos seus campos de jogos, boas «equipes», dos melhores clubes mundiais, praticando o verdadeiro «association», trazendo aos nossos grupos ensinamentos que de algum modo têm influído para o aperfeiçoamento da sua técnica, até então muito primitiva e rude.

Hoje joga-se muito menos em força. O sistema do passe curto entre os médios e o centro central do ataque, alternando com os longos lançamentos feitos aos extremos, torna mais brillante e emotiva a exibição dos melhores «onze» portugueses.

Residia na perfeição dessa táctica, observada pelo Vitória ontem muito inteligentemente na primeira parte, a razão do seu triunfo sobre o «team» inglês.

Habitados a ver ganhar sempre o grupo visitante, nas suas primeiras exibições, começava-se quando sucedeu o contrário, que o «onze» estrangeiro saiu derrotado porque é muito inferior ao grupo português adiávrio.

Já é tempo de se fazer justiça, conveniente-nos de que o nosso futebol melhora muito em qualidade e que alguns clubes, como o Vitória, já não são hoje batidos facilmente por qualquer grupo que nos visse, desde que a sua classe não seja sensivelmente muito superior, ou uma má tarde de jogo, não lhes seja advesa.

FUTEBOL

O Vitória venceu numa exibição brillante o «Casuals» por 2-0

Nesta quadra da Páscoa é hábito a visita de grupos estrangeiros que a convite dos principais clubes de Lisboa proporcionam a «aficion» da capital ensejo de apreciar boa técnica em futebol.

Mais felizes umas vezes

MARCO POSTAL

Pórtico - Asociación dos Calceiteiros. Recibimos 95\$00. Os números do jornal que dizem ter faltado não é culpa desta administração mas sim do correio. Não houve nenhuma interrupção.

AGENDA

CALENDARIO DE MARCO

D.	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 6,21
T.	13	20	27	Desaparece às 19
Q.	14	21	28	
W.	15	22	29	1. C. dia 25 às 0,17
S.	16	23	30	Q.M. 5 20,50
S.	17	24		L.N. 12 12,56
				C.C. 19 23,23

FASES DA LUA

1. C. dia 25 às 0,17
Q.M. 5 20,50
L.N. 12 12,56
C.C. 19 23,23

MARES DE HOJE
Fraijan às 5,16 e às 5,33
Taixamar às 10,40 e às 10,03

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475	9475
Madrid cheque	2576	
Paris, cheque..	569	
Suíça,	376,5	
Bruzelas cheque	74	
New-York,	1955	
Amsterdão	758	
Itália, cheque	579	
Brasil,	2885	
Praga,	58,5	
Suecia, cheque.	525	
Austria, cheque	2576	
Berlim,	4366	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Ecplo. - A's 21,15 - O Martir do Calvário.
A's 14,30 - Matinée.
Callisco dos Recreios - A's 20,30 - Animatógrafo.
Esto. Soj. - A's 9,15 - Variedades
Cinema. Ll. Vicente (à Graca) - Espectáculos. A's 3,15
2,15, subdos e domingos com enatices.
Teatro Portugal - Todus as noites. Concertos 2 di-
versos.
CINEMAS
Tivoli - Olympia - Central - Condes - Chiado Ter-
rasse - Ideal - Arco Bandeira - Promotora - Esperança
- Tortoise - Cine Paris.

FATOS
completos e
sobretudos.

em bom cheviote, com bons
forros e bom acabamento,
para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobre-
tudos, feitos e por medida

Abalimentos para revenda

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 93.
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões - Dr. Amanzis
Narciso - A's 5 horas.
Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Vilar
Kiss - vidas urinárias - Dr. Miguel Magalhães
Fete e sítios - Dr. Correia Figueiredo - Ilhe
as 5 horas.
Dorças nervosas, electroterapia - Dr. R.
Loff - 2 horas.
Doenças dos olhos - Dr. Matias de Matos
2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos - Dr. Mario Oliveira
Estomachos, intestinos - Dr. Mendes Belo
2 horas.
Doenças das senhoras - Dr. Emilio Pinto
2 horas.
Doenças das crianças - Dr. Filipe Manso
1 hora.
Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto No. 11
0 horas.
Ecos e dentes - Dr. Armando Lima - 10 horas.
Câncer e radio - Dr. Cabral de Melo - 1 hora.
Ilhe X - Dr. Aleu Saldanha - 4 horas.
Anestes - Dr. Gabriel Beato - 1 hora.

REBUÇADOS PEITORAIS

Dr. Centazzi

Os melhores para a tosse,
catarros e bronquites.
Livres de essências artificiais.

Cuidado com as imitações.

Pedir em toda a parte

Nas casas que mereçam confiança para
evitar misturas de outros rebuçados,
com o papel imitando o nosso.

À ULTIMA HORA

Acabam de chegar ao **DEPÓSITO**

DA **COLHIVA**

Rossio, 93, 1.º - Lisboa

GRANDES remessas de peças de rios estan-
bres mesclados, pretos e azuis para **FATOS** e SO-
BRETUDOS e ricas casinhas de fantasia.

Boas sarjas, gabardines para vestidos de senhora.

Verdadeiros tecidos da **Fábrica** do **PAÍS**.

Temos já feitos e fámosse por medida fatos, sobretudos e abafos para senhora com a máxima perfeição e rapidez.

Ilhéus amostros para a província e os domicílios

Tem atelie, não contactar o Depósito da Colhiva

no Rossio, 93, 1.º - LISBOA

Telefone Norte 4663

ACABARAM-SE AS BARATAS

FORMIGAS E OUTROS INSETOS

USANDO O PÓ INSECTICIDA

«AGUIA»

A venda em todas as drogarias

Depositários: CARLOS DE OLIVEIRA, LDA

Rua Pascoal de Melo, 83-85

ESPELHOS

Aos melhores preços

Aven. Almirante Reis, 24-A

TELEF. N. 4060

O GOVERNADOR

— Continuai, meu reverendo.

— A bula de Sua Santidade Paulo IV é formal; o papa de Roma, usando do seu direito divino, excomungou, interdiç, depôe os reis culpados de lesa-majestade divina, ou favoráveis a esse pecado mortal; os tronos desses reis, declarados vagos, são ocupados pelo primeiro bom católico que...

— Temos então ameaças... contra meu filho Carlos IX, e contra mim...

— Senhora, isto é apenas uma paternal advertência.

— Falemos claro. Meu filho corria o risco de se ver deposito pelo papa.

— Triste eventualidade, senhora.

— Meu reverendo, imaginemos que o trono está vago... Por quem o faria ocupar o nosso padre santo? Não seria, de certo, por um Bourbon, pois que a casa de Bourbon é herética... Ora o bom católico seria provavelmente, segundo os desejos de Roma e de Espanha, o jovem Henrique de Guise, descendente de Carlos Magno, a darmos crédito aos lorenos?

— Questão temporal, com que nada tenho, senhor... E' notório que o jovem Henrique de Guise, filho do mártir de Orleans, tem um nome querido da Igreja e de todos os bons católicos.

— Com que então, meu reverendo, a vossa missão tem por fim ameaçar-me?... Mas porque se me há de atribuir a mim, que sou mulher, a culpa das delongas da guerra contra os huguenotes?

— Pensa-se, senhora, que vos temeis que vos faça sombra o chefe que seria capaz de assegurar o triunfo das tropas católicas, e que de propósito dificultais as operações militares excitando as rivalidades dos capitães, opondo uns aos outros. Diz-se que por vossa culpa o duque de Duas Pontes pode penetrar no centro da França e trazer aos huguenotes um forte reforço... A esta hora devem já estar reunidos os dois corpos de exército...

— O duque de Duas Pontes disse Catarina de Médicis com um sorriso sinistro. Ignorais o que sucedeu a esse chefe herético? Mas antes de falar desse infiel,

Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— O padre santo, vigário de Deus na terra, pode dispensar os subditos da obediência ao soberano, quando este cai em heresia, ou mesmo quando a tolera.

Pio.

Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— O padre santo, vigário de Deus na terra, pode dispensar os subditos da obediência ao soberano, quando este cai em heresia, ou mesmo quando a tolera.

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes? Atribuem-me a responsabilidade da lenitidão da guerra; pretendem-se ver nisto um cálculo político, donde se infere que, se eu continuar a descontentar Roma e Madrid...

— Catarina de Médicis, depois de ler esta cédula apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

— Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em Madrid sou ac

A BATALHA

Já não há fé religiosa, há comédia religiosa.



AS FOGUEIRAS DA INQUISIÇÃO

Um interessante folheto lançado oportunamente a público

O Grémio Montanha acaba de editar, numa esplêndida oportunidade, um pequeno folheto intitulado *As fogueiras da Inquisição*.

Para que se faça uma pequena ideia das verdades terríveis que contém esse livro que vai ser distribuído por todo o país, vamos extraír deles alguns trechos:

«Decorria o ano de 1506. Reinava em Portugal D. Manuel I.

A peste alastrava-se por toda a Lisboa.

«Faziam-se preces públicas e a 15 de Abril de 1506 ordenou-se uma procissão de penitência que, saindo da igreja de Santo Estevão, se recolheu a São Domingos seguindo-se a celebração de preces solenes!»

«Achava-se entre o povo um cristão novo ao qual escaparam da boca manifestações imprudentes de incredulidade acerca dos milagres!»

O miserável blasfemo foi arrastado para o adro, assassinado e queimado. O tumulto atraía maior concurso de povo, cujo fanatismo um frade excitava com violentas clamorâncias. Dois outros frades, um com uma cruz, outro com um crucifixo arvorado saíram então do mosteiro, bradando heresia!

«Os cristãos novos que giravam pelas ruas desprevidos eram mortos ou mal feridos e arrastados, às vezes semi-vivos, para as fogueiras que rapidamente se tinham armado tanto no Rossio como nas ribeiras do Tejo!»

«Os dois frades enfureciam as turmas com os seus brados e guiam-nas com actividade infernal naquele tremendo labor. O grito de revolta era: Queimaios!»

Nessa tarde foram queimadas 500 pessoas. Só na praça do Rossio queimaram-se 300.

No dia seguinte subiram a mil as que morreram na fogueira!

«As casas dos cristãos-novos foram acometidas e entradas. Metiam a ferro homens, mulheres e velhos; as crianças arrancavam-nas dos peitos das mães e, pegando-lhes nos pés, esmagavam-lhes o crânio nas paredes dos aposentos. Depois saquearam tudo. Aqui e acolá viam-se nas ruas, alagadas de sangue, pilhas de 40 ou 50 cadáveres que esperavam a sua vez nas fogueiras.»

«Donzelas e mulheres casadas, expelidas dos santuários eram prostitutas e depois atiradas às chamas.»

O número dos mortos orçava por dois mil.

«A medida que faltavam alfaias que roubar, mulheres para prostituir, sangue para venter, a multidão aterrada, e os filhos de São Domingos (os frades dominicanos) recolhendo ao seu anjo, iam repousar das fadigas daquele dia.»

Refere-se o aludido folheto aos crimes da Inquisição em Coimbra:

«Atulhadas de presos as escusas exnovas das torres do antigo castelo de Coimbra, muitos délos foram recolhidos em casas imundos e fétidos. Carregados de ferros e incomunicáveis, quando algum obtinha dos inquisidores a permissão de falar com os seus, era preciso propiciar o aíde...»

Uma das primeiras famílias sacrificadas na Inquisição de Coimbra, foi a de Simão Alvares, composta de pai, mãe e uma pequena filha d'estes. Eram acusados do crime de judaísmo perpetrado no Pórtico.

O bispo precisava de provar esse crime. «Mandou vir à sua presença a filha de Simão Alvares e pondo-lhe diante um brazeiro cheio de carvões acéssos, disse-lhe que se não confessasse ter visto seu pai e sua mãe açoitarem um crucifixo, havia de lhe mandar queimar as mãos naquele brazeiro. A criança, aterrada, confessou que assim o vira fazer no Pórtico a seu pai, e o bispo teve a prova que desejava, embora a testemunha se referisse a uma época em que contava pouco mais de seis meses de idade.»

Tratava-se do processo de uns presos de Aveiro, marido e mulher. Uma criada que os seguia foi chamada à Inquisição, e delas exigiu o bispo que declarasse ter visto praticar os seus amos factos contrários à fé. A declaração, porém, da testemunha foi exactamente o contrário. Irritado o dominicano fez-lhe encerrar num cárcere.

De tempos a tempos, mandava advertir-lhe de que se queria ser sólita, acusasse seus amigos. Resistiu sempre.

Acéso em cólera, o frenético frade começou a espancar-lhe com um pau até lhe quebrar na cabeça e nas costas, deixando-a lavada em sangue, e o algoz sagrado fez lavrar o documento que quis ao som dos gritos da desgraçada.

O folheto resume assim a descrição das torturas do Santo Tribunal:

«Os inquisidores serviam-se de todos os meios, ainda os mais infames para obter a confissão das desgraçadas vítimas.

As ameaças e os maus tratos, de tóda a espécie, eram acompanhados de tormentos atrozes que a ferocidade humana tinha inventado. Além de muitos outros, havia o tormento do ferro em braço com o qual se queimavam as mãos e os pés dos infelizes;

o da água, que os frades-verdugos obrigavam a ingerir; a prova do pôrto, espécie de cavalo de madeira, ao qual amarravam o paciente que devia sofrer a tortura...»

No suplício do esmagamento, o paciente era crucificado numa cruz em forma de X, chamada a cruz de Santo André, e sobre ela o esmagavam lentamente, apertando-lhe as carnes e fazendo-lhe estalar os ossos com uma grossa vara, empunhada pelo alçado.

Nos tratos de polé, a vítima elevada a por meio de cordas e roldanas, era precipitada no espaço ficando de repente, suspensa no ar durante alguns segundos, a uma certa altura do solo, agachado, sobre o qual a deixavam cair pesadamente.

E, com que prazer os frades dominicanos ordenavam todas estas torpezas!

Para que a ignomínia fosse maior e desse bem a nota de uma suprema afronta, via-se numas das paredes da sala das torturas, a imagem do Nazareno, símbolo sagrado da religião cristã, que éles próprios professavam!

E, Cristo, o pobre mártir do Gólgota,

Uma reunião pública do Núcleo da Juventude Sindicalista do Pórtico contra as deportações e contra o fascismo

Devia realizar-se no passado domingo, na alameda das Fontainhas, um comício público, de protesto contra as deportações sem julgamento contra a premeditada implantação do fascismo em Portugal, promovido pelo bloco das esquerdas republicano-socialistas.

Como o tempo não o permitiu ficou o mesmo transferido para o domingo de Páscoa. Ora, como no dito «bloco» reina grande confusão, entendem o Núcleo da Juventude Sindicalista do Pórtico que devia marcar a sua posição em face do «bloco», para o que promoveu uma sessão pública, agradecendo o encontro para protestar contra as deportações sem julgamento.

A pesar de só ao fim da tarde de domingo se ter feito a convocação, a sala de sessões do Entrepares encheu-se completamente.

A 21 horas, Lúcio da Silva, secretário geral do Núcleo, abre a sessão explicando qual o seu fim e em seguida convida para presidir o velho militar Serafim C. Lucena e para secretariar E. Miranda e Domingos Barbosa. Depois de Lucena abrir a porta para que a tribuna fosse livre, o que é aceite, Inácio Martins refere-se à posição que a Juventude marcou na última assembleia geral e que agora vai ser ratificada.

Referindo-se à posição da organização operária perante o bloco, diz que os trabalhadores conscientes já há muito têm o seu bloco formado para se defender dos ataques dos seus exploradores e conquistar a sua emancipação. Analisa a posição da C. S. do P. do Pórtico, referindo-se também à atitude dos republicanos que só agora acordaram para protestar contra as deportações.

Não querre pois a Juventude Sindicalista ir de braço dado com partidos políticos inimigos verdadeiros da Emancipação dos Trabalhadores.

Referindo-se às ditaduras existentes, incluindo a russa, o orador é interrompido pelos partidários da «frente única» que não deixaram expor convenientemente a sua forma de pensar.

No final faz a afirmação repetida já tantas vezes: o povo português é avesso a todas as ditaduras.

José Silva, comunista, diz que precisa de dizer duas palavras a uns e a outros.

Entende que de harmonia com os seus principípios não deve imitar os nossos adversários burgueses, citando a propósito o decorrer do congresso nacionalista.

Não precisamos de ir atacar uma ditadura—a russa—que é completamente diferente das outras. Agora rebate algumas afirmações de I. Martins. Diz que ele não tem autoridade moral para atacar os republicanos, por julgar que só agora é que se lembraram de vir protestar contra as deportações.

Cita que a organização operária quando protestou não pediu o auxílio de ninguém, porque quis agir por si só. Não é caso para que nós agora queremos negar o nosso auxílio aos republicanos que vêm atos nôos. Quanto à sinceridade dos amigos republicanos não a discute.

Quanto à revolução russa e sua ditadura afirma que a classe operária amanhã terá de lançar mão da mesma arma.

Adolfo de Freitas começa por dizer que a Juventude Sindicalista, tanto pela sua ideologia, como pela sua estrutura organizativa, jáimais poderá colaborar com qualquer partido político.

Anastácio Ramos considera ironicamente as Juventudes uma grande corrente social.

Elogia a ditadura proletária.

Usava ainda da palavra Mário Ferreira e Lucena, este último fazendo a defesa dos anarquistas no bloco.

No final foi lida a seguinte declaração das Juventudes Sindicalistas.

«A Juventude Sindicalista do Pórtico, reúnindo publicamente para expor o seu modo de ver quanto às violências exercidas pelo Estado burguês, que deportou trabalhadores por estes desejarem sua emancipação, e ao mesmo tempo outros indivíduos por exporem publicamente e de armas na mão as suas ideias—resolvem:

1.º protestar contra todas as violências do Estado burguês.

2.º declarar-se intransigente inimiga do Estado, e pôr-se a seu serviço para defesa da liberdade.

3.º manifestar a sua disposição de tomar conta das armas para impor a sua vontade de ordem e portadores de promissórias, e de a deixarem na miséria muitas famílias que tiveram a ingenuidade de se fiar na honradez dos comerciantes do Banco Comercial do Pórtico.

A provar a financeirice, isto é: a patifaria burlesca do que fica dito, sabe-se que o tal «Barão da Aduela», ou seja «o burão Marques de Sá—bem como a sua comitiva,—pôr toda a fortuna roubada ao Banco, em nome dos filhos, para assim fugir à acção da justiça».

O Banco Comercial do Pórtico, fugindo às suas atribuições, emprestou à larga e entrou em toda a sorte de negócios, de empresas. Os burócratas fôrnam acumulando e pondo em nomes familiares colossais fortunas. Depois... a derrocada fictícia... e os desgraçados ficarem burlados—os desgraçados pequenos credores, os desgraçados depositantes de pequenas quantias à ordem e portadores de promissórias, mas que perfazem perto de 3.000 contos...

Estas vítimas, depois de profligarem energeticamente os burlões do Banco Comercial do Pórtico, aprovaram unanimemente uma proposta que, entre outras coisas, reclama:

Chamar à responsabilidade todos os que contribuíram para a ruína do Banco e meter na cadeia, sem fiança, e em conformidade com a lei de exceção feita, e votada pelo parlamento, para os burlões do Banco Angola e Metrópole—e bem assim a confiscação de todas as fortunas, adquiridas à custa dos seus depositantes, que se encontravam no dito Banco.

Que de harmonia com a mesma lei, sejam confiscados todos os valores do célebre burão Marques de Sá;

Que nenhum dos acionistas possa receber qualquer quantia, visto que eles, sem cautela, fizeram um levantamento, recebendo, ficticiamente, 30% de dividendo, como se provava pela falsificação da escrita «burão»;

Que o governo tome conta do Banco para sua liquidação, assim como das acções de Salamanca, para os seus depositantes serem pagas as suas promissórias, visto que elos não têm responsabilidade alguma, nas suas feitas pelos próprios acionistas;

Que seja despedida todo o seu pessoal visto estar a comer o resto do capital existente e os seus estatutos estarem sofisificados, para assim poderem levantar os seus depósitos com prejuízo de terceiros;

Que seja chamado à responsabilidade, dando entrada na cadeia, esta direcção, pela maneira como tem contribuído, mancomunada com a Casa Bancária Fonseca Araújo, para a ruína do dito Banco Comercial do Pórtico.

Os reclamantes, isto é: os burlados, re-solveram também empregar a ação directa

isto é: na próxima assembleia geral dos acionistas, ir, em massa, ao local onde ela se efectuar, tornando, à força, parte nela, para defenderm o seu rico dinheiro... a voar... a voar... para os Marques de Sá e Fonseca Araújos...

Estes são os honrados gatunos...

Carestia da vida

O S. U. Metalúrgico de Lisboa contra a especulação da batata

A comissão administrativa do S. U. Metalúrgico de Lisboa, na sua última reunião ocupou-se da carestia da vida e apreciou o protecionismo dispensado à exportação da batata nacional e a forma como se difulta a importação de batata francesa, o que origina a escassez deste tubérculo no mercado, que, com as manigâncias em torno do azeite e outros géneros, dá a expectativa de fome, redução dos salários, desemprego e outros males contra os quais este organismo protesta.

Considerando que ésses movimentos duram há quatro meses, durante os quais os grevistas têm demonstrado uma energia sobrenatural, a pesar da enorme perseguição exercida pelo alto comissário da província de Moçambique;

Considerando que ésses movimentos duram há quatro meses, durante os quais os grevistas têm demonstrado uma energia sobrenatural, a pesar da enorme perseguição exercida pelo alto comissário da província de Moçambique;

Considerando que entre outras infâncias cometidas por aquela autoridade, se constata a deportação de ferrovários, a prisão

em massa de uma grande parte da classe e a sujeição da mesma ao regime do célebre vagão-fantasma, expostos uns, ao mais ardente sol—e ainda o fusilamento de alguns ferrovários em plena rua;

que, apesar da solidariedade dispensada pela população de Lourenço Marques aquela classe, e dos protestos da imprensa independente contra a atitude do Alto Comissário em não querer atender as justas reclamações dos grevistas e da população daquela cidade, se sente a necessidade de um protesto geral de tóda a classe trabalhadora, para exigir do governo da metrópole a revogação das medidas que deram origem ao movimento encetado pelos grevistas, estabelecendo-se as usuais «demonstrações» para a solução do conflito de forma aquela classe ver atendidas as suas reclamações, entre as quais a reintegração de todo o pessoal demitido, inclusivamente aquele que iniquamente foi deportado; este Sindicato resolve:

1.º imediatamente afirmar tóda a sua solidariedade moral e material ao pessoal do Pórtico de Lourenço Marques.

2.º protestar contra a sistemática perseguição exercida pelo alto comissário de Moçambique contra esta classe.

3.º Dar conta disto protesto ao ministro das Colónias e presidente do ministério.

4.º Reclamar do governo central uma solução imediata do conflito, obrrigando este Sindicato a atender as justas reclamações da

provação de Albertino Gomes.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Pórtico.—Recebemos teses.

Núcleo do Barreiro.—Enviem teses

com urgência, de modo a que elas não serão publicadas.

que a classe, para que esta possa voltar ao trabalho.

5.º Dar conta do conteúdo desta moção a C. G. T., para que ela possa actuar, segundo as circunstâncias do momento.

«Sindicato Operários Manipuladores

Pórtico do Pórtico hoje reunidos, apreciando

marcha grevista pessoal Lourenço Marques, prestando ao mesmo tempo

sua solidariedade, reclama governo central imediata solução conflito, como é de justiça.—Secretário, Albertino Gomes.

E, com que prazer os frades dominicanos ordenavam todas estas torpezas!

Para que a ignomínia fosse maior e desse bem a nota de uma suprema afronta, via-se numas das paredes da sala das torturas, a imagem do Nazareno, símbolo sagrado da religião cristã, que éles próprios professavam!

</div